



## GUSTAVO GUTIÉRREZ E O LEGADO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO (IN MEMORIAM)

*GUSTAVO GUTIÉRREZ Y EL LEGADO DE LA TEOLOGÍA DE LA LIBERACIÓN  
(IN MEMORIAM)*

*GUSTAVO GUTIÉRREZ AND THE LEGACY OF LIBERATION THEOLOGY  
(IN MEMORIAM)*

Giovanni Semeraro<sup>1</sup> 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

**Resumo:** O recente falecimento de Gustavo Gutiérrez motiva a elaboração deste artigo, na intenção de prestar uma devida homenagem ao “pai” da Teologia da Libertação e ressaltar também a sua extraordinária contribuição à criação de uma das mais impactantes correntes de pensamento de matriz latino-americana. Assim, além de delinear a trajetória de vida, o contexto histórico e as fontes que concorreram para a formação teórico-prática de Gutiérrez, o texto focaliza os aspectos mais marcantes da Teologia da Libertação, uma audaciosa e inovadora concepção de mundo que contribuiu não só para resgatar a mensagem genuína do cristianismo e renovar a Igreja, mas também para desvelar as causas da exploração e da pobreza dos povos subjugados, e subsidiar movimentos sociais e organizações populares nas lutas para libertar-se de todas as formas de dominação em vista da construção de uma nova civilização.

**Palavras-chave:** Gustavo Gutiérrez; Teologia da Libertação; América Latina; História; Política.

**Resumen:** El reciente fallecimiento de Gustavo Gutiérrez motiva la elaboración de este artículo, con la intención de rendir un merecido homenaje al “padre” de la Teología de la Liberación y resaltar también su extraordinaria contribución a la creación de una de las corrientes de

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia Política pela Università degli Studi di Padova, Itália, e em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [gsemeraro07@gmail.com](mailto:gsemeraro07@gmail.com)

pensamiento más impactantes de matriz latinoamericana. Así, además de delinear la trayectoria de vida, el contexto histórico y las fuentes que contribuyeron a la formación teórico-práctica de Gutiérrez, el texto se centra en los aspectos más destacados de la Teología de la Liberación, una concepción audaz e innovadora del mundo que contribuyó no solo a rescatar el mensaje genuino del cristianismo y renovar la Iglesia, sino también a desvelar las causas de la explotación y la pobreza de los pueblos subyugados y a respaldar movimientos sociales y organizaciones populares en las luchas para liberarse de todas las formas de dominación con miras a la construcción de una nueva civilización.

**Palabras clave:** Gustavo Gutiérrez; Teología de la Liberación; América Latina; Historia; Política.

**Abstract:** The recent death of Gustavo Gutiérrez has motivated the writing of this article, which aims to pay tribute to the "father" of Liberation Theology and highlight his extraordinary contributions to the creation of one of the most influential currents of thought in Latin America. In addition to outlining his life, trajectory, historical context, and sources that contributed to Gutiérrez's intellectual formation, this text focuses on the most striking aspects of Liberation Theology. This audacious and innovative worldview contributed not only to rescuing the genuine message of Christianity and renewing the church but also to reveal the causes of exploitation and poverty faced by oppressed peoples while supporting social movements and popular organizations in their struggles to free themselves from all forms of domination and work toward the construction of a new civilization.

**Keywords:** Gustavo Gutiérrez; Liberation Theology; Latin America; History; Politics.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.231636](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.231636)

Recebido em: 25/11/2024  
Aprovado em: 31/12/2024  
Publicado em: 01/01/2025

## 1. Raízes e formação

Cravada no corpo e na alma, a ascendência quéchua de ameríndio peruano, mesclada com sua extraordinária trajetória de vida, fazem de Gustavo Gutiérrez Merino Díaz uma das figuras mais genuínas e icônicas da América Latina. Entre 1928, ano do nascimento em Lima (Peru) e o recente falecimento (22 de outubro de 2024) na mesma cidade, Gutiérrez

conseguiu amalgamar de forma singular e criativa a profunda vinculação com as raízes da sua terra, o envolvimento com as lutas dos povos subjugados, os estudos de autores latino-americanos e os conhecimentos auferidos na Europa e no interior da Igreja católica.

Uma osteomielite que o acometeu entre os 12 e 18 anos não o impediu de realizar intensas e fecundas atividades que se iniciaram como estudante de medicina e literatura no Peru e enveredaram para a vida sacerdotal, condição que o levou a estudar filosofia e psicologia na Universidade “Le Saulchoir” dos Dominicanos na Bélgica, teologia no Instituto Católico de Paris, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e na Universidade “Lyon-Fourviere” dos Jesuítas na França (onde obteve o diploma de Doutor em Teologia). Além de lecionar Teologia no Peru e ministrar cursos e palestras em diversos países, por 20 anos foi co-diretor da conceituada Revista *Concilium*. Aos 70 anos ingressou na Ordem dos Dominicanos, onde permaneceu até o fim de sua existência, dedicado a seus estudos e auxiliando em uma paróquia da periferia de Lima, mantendo sempre sua vida simples e frugal e nunca perdendo seu jeito gentil, discreto e bem humorado.

A sua prodigiosa atividade intelectual com uma extensa produção de escritos e ações sócio-políticas dedicadas à libertação dos oprimidos se tornaram inspiração para muitos movimentos sociais, para a renovação da Igreja e referência de inúmeros estudiosos, dissertações de mestrado e teses de doutorado mundo afora. Não surpreende, portanto, que instituições de vários países lhe conferiram 23 títulos de *Honoris Causa*. Além do mais conhecido livro *Teologia da Libertação* (Gutiérrez, 1971), publicado em 1971, pelas Ediciones Sígueme da Espanha, são numerosos seus escritos derivados de palestras e diversos livros de caráter espiritual (*O Deus da Vida, Compartilhar a palavra no decorrer do ano litúrgico, Em busca dos pobres de Jesus Cristo, A verdade vos libertará, Falar de Deus a partir do sofrimento do Inocente, Beber em seu próprio poço* etc),

destinados a fortalecer a fé de cristãos comprometidos com seus ideais e com as lutas populares.

Devido à audaciosa e impactante concepção teológica veiculada nas suas publicações é justamente considerado “pai” da Teologia da Libertação, primeiro livro com esse título. Mas, como todo pensador, mesmo inovador e dotado de genialidade, as ideias de Gutiérrez não nascem do nada, pois, deitam suas raízes no contexto sociopolítico-cultural do seu tempo. Desta forma, as fontes principais de suas reflexões podem ser encontradas no âmbito das três realidades que vivenciou: a) na sofrida condição de vida de seu povo e no sistema de dominação imposto ao continente sul-americano; b) no período de renovação da Igreja católica; c) no resgate da mensagem autêntica do cristianismo.

Profundamente enraizado na história e na cultura de seu país e impactado com a chocante situação sócio-político-econômica da América Latina, Gutiérrez dedicou-se ininterruptamente a descobrir as causas da pobreza e da opressão e a buscar meios para a sua superação. Procurou, portanto, elaborar uma teologia que pudesse falar de Deus em sintonia com as narrativas de libertação que emanam dos textos bíblicos (principalmente do Êxodo), da coragem dos profetas e da mensagem inaudita do Evangelho de Jesus histórico que anuncia o reino de fraternidade universal. Para melhor dar conta desta tarefa, Gutiérrez dedicou-se também a auscultar a voz de Deus manifestada em diversos escritores da sua terra, antenas sensíveis sintonizadas com a situação dramática do próprio povo. Entre os demais autores, teve considerável influência de três famosos peruanos: José Carlos Mariátegui, autor, entre outros escritos, de *Siete Ensayos Peruanos* (2008[1928]), que retrata de forma original o papel central das comunidades indígenas da América Latina na luta de classe e a construção de um socialismo indo-americano com a organização dos trabalhadores; o poeta César Vallejo (1968[1922]), autor de *Trilce*, que expressa o lamento da criatura sofredora diante do silêncio do Criador; o novelista José María Arguedas que denuncia a

desumanização dos opressores e de cujo livro *Todas las Sangres* (1964), Gutiérrez escolheu um trecho para figurar como epígrafe de sua obra *Teologia da Libertação* (BETTO, 2021).

Mas, além de autores e da tradição literária que retratam a realidade de seu país, Gutiérrez deriva muitas reflexões para a construção da sua visão teológica dos estudos sobre o contexto sócio-político da América Latina, da longa história da dominação, do extermínio dos índios, da escravidão, da condição das raças desprezadas e das culturas discriminadas e, principalmente, da resistência da população, cujas revoltas e insurgências nas suas diversas formas buscaram incansavelmente conquistar a independência e a libertação do colonialismo. Mais especificamente, é preciso ressaltar que entre os anos 1950-1970, na América Latina, em concomitância com as lutas anticoloniais em outros continentes, além do grande impacto da Revolução cubana (1959-1960), Gutiérrez acompanhou de perto o florescimento considerável de organizações políticas, de movimentos e levantes populares que visavam uma transformação profunda da realidade social, em oposição a projetos transplantados de fora e a modelos desenvolvimentistas. E foi exatamente nesse período que se alastrou a “Guerra Fria”, recrudescceu a repressão e foram instauradas ditaduras na América Latina, gerando um ambiente que alimentou ainda mais os anseios e as lutas pela libertação.

No Brasil, particularmente durante este mesmo período, levantes populares nas cidades e no campo, mobilizações de estudantes e organizações políticas e sindicais pressionavam pelas “reformas de base” e pelos direitos fundamentais, instando setores da Igreja a sair da omissão e sintonizar-se com o grito do povo explorado e marginalizado (MAINWARING, 2004, p. 116ss). Desta forma, na efervescência política dos anos 1960, cristãos politicamente engajados nas lutas populares, além de extrair inspirações de E. Mounier, de Pe. C. Henrique de Lima Vaz, de J. P. Sartre e G. Marcel, assimilavam as inovadoras reflexões elaboradas no

Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), particularmente, de A. Vieira Pinto que se valia de categorias derivadas do pensamento marxista. Criativamente elaborado pelos “católicos de esquerda”, esse caldo teórico que articulava cristianismo com transformação da sociedade, atuava na Juventude Universitária Católica (JUC), na Ação Popular (AP), na União Nacional dos Estudantes (UNE), nos Movimentos de Cultura Popular (MCP), nos Centros Populares de Cultura (CPC), no Movimento de Educação de Base (MEB) e no pensamento de Paulo Freire (SEMERARO, 1994, p. 49ss).

No interior deste processo, tal como o conceito de “conscientização”, aflorado no ISEB e assimilado por P. Freire, vai além do conceito de “consciência” da filosofia moderna, também o conceito de “libertação” supera o conceito de “liberdade” plasmado pelo liberalismo da sociedade burguesa. A libertação, de fato, não remete à absolutização do indivíduo isolado e abstrato, à liberdade para fazer o que se quer para obter seus próprios interesses e à sacralidade da propriedade privada, mas é processo social concreto engendrado pela práxis política dos subjugados para sair da sua condição e criar um modelo de sociedade livre de dominação, onde todos possam realizar-se plenamente na abertura e solidariedade com o outro, desenvolvendo todas as potencialidades individuais e sociais. Ao estudar, de fato, a extensa produção de autores e as lutas pela libertação do continente latino-americano, Gutiérrez reconhece também “as experiências e trabalhos educativos de P. Freire entre as iniciativas mais criativas e fecundas” (GUTIERREZ, 1986, p. 88). Na verdade, vindo à lume em 1971, a *Teologia da Libertação* já menciona os primeiros livros de P. Freire (1979[1967]; 2005[1968]): *Educação como prática da liberdade* (1979) e *Pedagogia do Oprimido*, cuja 1ª edição é de 1968. Além disso, o próprio Gutiérrez evidencia a importância para suas ideias da sua visita ao Brasil em 1969, quando entrou em contato com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e ficou impactado com a morte do assessor da pastoral da juventude de dom Hélder Câmara, o padre Henrique Pereira Neto,

assassinado em Recife pela ditadura militar, em 26 de maio de 1969. A ele, de fato, e a J. María Arguedas dedica seu livro *Teologia da libertação*.

Portanto, antes da Teologia da Libertação ser elaborada e publicada, movimentos populares, estudiosos, organizações políticas, atividades de cristãos socialmente engajados e agentes pastorais progressistas da América Latina vinham atuando e gerando reflexões sobre temas que seriam sistematizados pela nova teologia (MAINWARING, 2004, p. 28ss). Para esses audaciosos protagonistas, a contradição entre opressores e oprimidos fazia-se clara, uma vez que ao desvelar as raízes da pobreza do povo mostravam que esta condição não é natural nem vontade de Deus, mas, resultado fundamental da exploração arquitetada pelos países coloniais e as classes dominantes. Neste sentido, afirmava-se que as massas populares não são simplesmente pobres, mas oprimidas e espoliadas. Condição desumana, portanto, a ser enfrentada e libertada por meio de lutas coletivas, sem esperar mudanças mágicas ou concessão de alguém.

A outra fonte que contribuiu a fermentar o pensamento de Gutiérrez emana dos estudos que realizou na Europa durante o período de renovação (“aggiornamento”) da Igreja. Como se sabe, ainda que a reboque das transformações que ocorriam no mundo, este movimento de mudanças foi particularmente desencadeado a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e se consolidou durante o pontificado de Paulo VI (1963-1978). Nesses anos, apareceram inovadoras publicações de destacados teólogos, alguns dos quais (K. Rahner, Y. Congar, M-D. Chenu, H. de Lubac, J. B. Metz) aprofundaram as perspectivas abertas pela Nouvelle Théologie despontada na França, foram consultores do Concílio Vaticano II e redatores de alguns de seus textos. Nas universidades europeias que frequentou, Gutiérrez teve oportunidade de conhecer estes teólogos e estudar seus escritos. Entre os demais, estabeleceu vínculos de maior “afinidade eletiva” e estreitou grande amizade com J. Baptist Metz (1970; 1976), autor, entre outros escritos, de *Teologia do mundo* (1968) e *Teologia política* (1969), onde se

apontam a função crítico-política da teologia e o duplo componente, místico e social, do cristianismo. Juntamente com outros teólogos inovadores, de fato, Metz evidenciava que na teologia tradicional havia ocorrido uma privatização e estreitamento do cristianismo orientado apenas para a salvação interior do indivíduo e para a prática de uma ética individual, negligenciando que a teologia tem também a tarefa política de olhar para o mundo, conhecer a complexidade e as contradições dos contextos históricos e não se furtar da vocação profética transmitida pelos textos bíblicos na denúncia das violências e injustiças contra os mais pobres e vulneráveis. Não há dúvidas de que há elos de ligação entre a renovação que ocorria na Igreja, a nova teologia e o pensamento que vinha sendo gestado por Gutiérrez. Mas, as diferenças eram profundas, uma vez que na Europa a teologia buscava mais um “aggiornamento”, uma adequação às mudanças modernas, enquanto na América Latina passava a se posicionar contra a opressão e apontar caminhos de “libertação” da longa história do colonialismo, implementado pela própria Europa com as bênçãos da Igreja.

É preciso acrescentar que nos anos 1960-1970, houve também uma prodigiosa safra de estudos de exegese bíblica que desmistificaram leituras apologéticas, edificantes e intimistas. Munidas de avançados instrumentos exegéticos e de hermenêutica histórico-crítica, as novas investigações sobre “as sagradas escrituras” resgataram sua gênese e formação nos diversos contextos históricos, evidenciando o significado mais preciso dos fatos e as experiências humanas portadoras de transformações. De fato, além de reconstruir o elo que interliga os vários episódios do Antigo Testamento em torno da constituição de um povo libertado da escravidão, foi particularmente com estes estudos que se passou a ter uma melhor compreensão da mensagem originária do Evangelho como “Boa Nova” que liberta não só do pecado individual e das doenças, mas também dos males que afetam a vida em sociedade, leitura esta, inclusive sintonizada com a teologia dos Padres da Igreja dos primeiros séculos do cristianismo que

enfaticamente a denúncia das injustiças e a centralidade do cuidado em relação aos pobres e marginalizados.

O Concílio Vaticano II e a onda de renovação na Igreja, portanto, foram eventos que propiciaram condições para elaborar uma teologia própria da América Latina que buscou no seu contexto sócio-político e nas angústias e lutas das comunidades populares cristãs material concreto para elaborar sua reflexão (GUTIÉRREZ, 1986, p. 75ss). Mudança esta que pode ser observada também nas duas Conferências Episcopais Latino-americanas (Celam) que ocorreram em Medellín (1968) e em Puebla (1979). Note-se que na elaboração do “Documento de Medellín”, aprovado pela Celam, há uma contribuição fundamental de Gutiérrez para configurar a posição da Igreja dos pobres na América Latina. Mas, é preciso também salientar que neste período foram se expandindo as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), capilar movimento que foi agregando em torno da leitura atualizada dos textos bíblicos numerosos cristãos, principalmente das periferias e das camadas populares, que passaram a tomar consciência da estrutura da sociedade e se motivaram a envolver-se em atividades políticas.

Na verdade, nos anos 1960-1970, o processo que passava a considerar os cristãos não mais como fiéis executores das diretivas da hierarquia “iluminada”, mas como agentes conscientes e engajados na vida social e política foi um fenômeno que aflorou em diversos lugares. Em 1971, no Chile de Allende, surgiu o movimento “Cristãos para o socialismo” que, dois anos depois, inspirou a formação de um movimento parecido em Bolonha (Itália) e a “comunidade cristã de base” do abade G. Franzoni em Roma. Na onda dos levantes estudantis de 1968 e das lutas operárias de 1969-1970, cristãos críticos e progressistas expressavam seu “dissenso eclesial” com diversas manifestações, sinalizando a clara vontade de resgatar a genuinidade do Evangelho, sacudir o conservadorismo de uma Igreja cristalizada e tornar-se independentes do bloco construído em torno da Ação Católica e da Democracia Cristã, aliadas do sistema dominante.

Este sucinto panorama é para dizer que Gutiérrez não é uma figura isolada e fruto do acaso, mas uma das mais singelas e paradigmáticas expressões de um grande movimento que se alastrava pelo mundo, mas que ganhou sua peculiaridade e uma enorme força na América Latina, deixando suas marcas profundas na Igreja e na sociedade.

## **2. Originalidade e impacto da Teologia da Libertação de Gutiérrez**

Não era a primeira vez que na história da Igreja se procurava resgatar a mensagem genuína do Evangelho e o potencial revolucionário do cristianismo, reconhecidos por muitos analistas, inclusive por Engels e Gramsci (SEMERARO, 2017, p. 90). Figuras, como Francisco de Assis, que agruparam seguidores para vivenciar as origens singelas das primitivas comunidades cristãs e renovar a Igreja não faltam ao longo do seu percurso. Mas, o movimento deflagrado pela Teologia da Libertação apresenta-se com uma singularidade única ao vocalizar a condição de extensas populações oprimidas, ao desvelar as raízes das injustiças sociais, ao revelar o caráter político da mensagem bíblica e colocar-se em clara contraposição ao capitalismo. Em diversas oportunidades, Gutiérrez deixa claro que a Teologia da Libertação, inteligência da fé não só da revelação custodiada pela Igreja, mas também da que se manifesta na história do mundo, procura falar de Deus olhando principalmente a realidade dos pobres e dos povos oprimidos, desvelando as causas da desumanização e despertando respostas a serem dadas, uma vez que “Toda teologia se pergunta sobre o significado da Palavra de Deus para nós no presente da história. E as tentativas de resposta se dão em função de nossa cultura, dos problemas colocados aos homens de nossa época” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 86).

Neste processo, partindo da inaudita mensagem do fundador do cristianismo, a Teologia da Libertação recupera a concepção “subversiva” de uma concepção de religião que não encerrada nos muros do templo, na centralidade do altar e em rituais mágicos, mas praticada nas contradições

da própria história, com atos concretos em relação aos que sofrem injustiça e exploração, vivenciada ao lado das necessidades reais do povo e construída em torno da mesa fraterna compartilhada, onde todos se reconhecem como irmãos para que “tenham vida e vida em abundância”. A expressão “opção pelos pobres”, emblema maior da Teologia da Libertação, amenizada como “opção preferencial pelos pobres” para contornar referências à “luta de classe”, quer simplesmente dizer, com uma expressão frequentemente repetida que “não se amam os pobres, sem se envolver com sua libertação”. Desta forma, “amar o próximo” para os cristãos não significa camuflar os conflitos classes e deixar tudo como está. Escamoteadas pelas leituras dominantes, as referências nos Evangelhos contra o acúmulo de bens, a arrogância das classes abastadas, a hipocrisia e o egoísmo dos ricos e a violência dos prepotentes são numerosas. Por isso, a “opção pelos pobres” da teologia de Gutiérrez (assim como a Pedagogia do “oprimido” de P. Freire) afirma a impossibilidade da neutralidade, uma vez que esquivar-se desta opção significa tomar partido em favor dos setores dominantes (GUTIÉRREZ, 1986, p. 220). Decorre disso, o compromisso político que leva a combater as estruturas de dominação e enfrentar os que as sustentam sem deixar de considerá-los irmãos para libertá-los também.

Diversamente da toda teologia abstrata, barroca, intimista e evasiva, centrada na conversão interior e fruição espiritual, a Teologia da Libertação se apresenta não só para libertar o indivíduo do pecado e das angústias pessoais, mas também dos malefícios entranhados nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, na violência do sistema, cujas consequências provocam a ruptura com o outro e geram injustiça, exploração, marginalização, discriminação, racismo, miséria e pobreza, todas situações que negam e ofendem a Deus, impedem a vigência do seu “reino” para a humanidade se realizar plenamente. A ética cristã, então, não se restringe a um comportamento circunscrito à esfera individual, mas implica responsabilidade com o próximo, engajamento político e

dedicação na construção da vida fraterna em sociedade. Deste modo, uma vez que a história humana é uma só, também a salvação deixa de ser individual ou projetada para o além e se expressa neste mundo, nas obras concretas pelas quais seremos julgados.

Não descendo do céu nem recebida pela mão de algum benfeitor, a libertação é construída pelos próprios oprimidos que se conscientizam, expulsam o opressor introjetado dentro de si, tomam iniciativa e se organizam politicamente com seus intelectuais e organizações políticas. Uma das principais características da Teologia da Libertação, de fato, é considerar o pobre e oprimido, não como objeto de comiseração e caridade, mas sujeito de sua própria libertação, protagonista de sua própria história e fator da libertação no mundo. É o que aparece em toda a sua clareza em Gutiérrez e demais autores da Libertação, onde o oprimido nunca é considerado inferior, objeto inerte e insignificante, mas sujeito histórico capaz de pensar, se autodeterminar, criar cultura e agir para transformar a sociedade (BOFF, 2014, p. 110ss)

Esta concepção, que gera aversão nos setores dominantes, está explícita no comportamento e na mensagem do fundador do cristianismo que nunca é assistencialista e paternalista, mas desperta, motiva, incentiva, solicita a levantar-se e caminhar, alerta para ser vigilantes, incita a colocar a fruto os talentos recebidos e assumir as próprias responsabilidades. Lido na sua integralidade, de fato, o Evangelho não leva ao conformismo, ao fatalismo e à acomodação, mas suscita dispositivos para livrar-se de todo mal individual e social e para construir junto com os outros a nova civilização. Por isso, contrariamente às teorias que interpretam a religião como fuga, consolo, anestesia (“ópio”) e resignação, a Teologia da Libertação a apresenta como inspiração e *Força histórica dos pobres* (outro livro importante de Gutiérrez, 1981) para se libertar dos grilhões e enfrentar as estruturas que impedem a realização humana e social.

Mas, neste enfrentamento, Gutiérrez e demais autores da Teologia da Libertação acabaram cruzando com o mesmo destino decretado para

Jesus histórico. A prisão, condenação e morte deste, de fato, resultaram de suas posições críticas em relação aos dirigentes de uma religião asfixiante e da ameaça que a mobilização popular suscitada pela sua inaudita pregação representava para o Império romano. Suspeitas e repressão parecidas ocorreram em relação às posições “heterodoxas” de Gutiérrez e aos que se inspiravam na Teologia da Libertação, uma vez que colocavam em questão aspectos nefastos do catolicismo e delineavam posições sócio-políticas que minavam o sistema dominante. A visão e as práticas que emanam da Teologia da Libertação, de fato, desmascaram a natureza estruturalmente anticristã do capitalismo e questionam as atitudes de falsa neutralidade da Igreja, sua omissão e conivência com forças políticas geradores de miséria, opressão e injustiça. Por isso, além das preocupações do Vaticano, a disseminação da nova teologia e a extensão e capilaridade das CEBs nas periferias e nas lutas dos setores populares, amedrontavam os Estados Unidos, como revelam vários documentos elencados por M. Löwy, entre os quais, o “Documento de Santa Fé”, preparado em maio de 1980 pelos assessores do candidato presidencial Ronald Reagan, onde se explicita que “A política exterior dos Estados Unidos deve enfrentar a Teologia da Libertação na América Latina [...] perigoso fator de subversão” (LÖWY, 1989, p. 6-7).

Em tempos de Guerra Fria, a igreja oficial foi revelando ainda mais suas posições conservadoras dobrando-se às injunções dos Estados Unidos para reprimir a Teologia de Libertação e dismantelar a força vigorosa das CEBs que vinham contribuindo criativa e bravamente não só no resgate da genuinidade do cristianismo, mas também na erosão das ditaduras e na construção da democracia. O perigo da Teologia da Libertação, que se valia de algumas ferramentas teóricas derivadas do marxismo para analisar a realidade, atemorizava a igreja que nunca se incomodou em preservar suas ligações com as potências coloniais e beligerantes, silenciando sobre sua longa ficha de crimes cometidos contra a humanidade e o planeta. Como se sabe, nos pontificados de João Paulo II e de Bento XVI foi deflagrada

uma “contrarreforma” que promoveu não só a expansão de forças reacionárias no interior da Igreja, mas deixou inquestionada a onda avassaladora do neoliberalismo que precarizou o trabalho, desagregou famílias, corroeu relações sociais, devastou o planeta e abriu caminho para a proliferação de igrejas neopentecostais que multiplicaram templos e introduziram com seus rituais sensacionalistas a “Teologia da Prosperidade” e do “Domínio”, manuseadas por “empresários da fé” e “pastores” dedicados à subjugação e à predação do rebanho.

Gutiérrez, então, foi sabotado, Paulo Freire exilado, Leonardo Boff e outros expoentes da Teologia da Libertação ostracizados e as CEBs esvaziadas. No entanto, apesar de cercadas e reprimidas, as raízes da jovem planta latino-americana, vinham despontando em outros setores e movimentos. A “utopia” da “Libertação”, de fato, mesmo com suas fragilidades, idealizações e limitações, não é só a marca inconfundível da teologia latino-americana, mas foi se tornando a grande metáfora que plasmou de forma peculiar a teoria e a prática da educação libertadora, da filosofia da libertação, dos movimentos políticos de libertação, da sociologia e economia da libertação (“Teoria da Dependência”), das mais diversas expressões artísticas e culturais de libertação que se disseminaram dentro e fora do continente sul-americano, tornando-se uma das contribuições mais originais e fecundas para o mundo na árdua construção da nova civilização.

### **3. Referências**

ARGUEDAS, José Maria. **Todas las Sangres**. Buenos Aires: Ed. Losada, 1964.

BETTO, Frei. Gustavo Gutierrez, pai da Teologia da Libertação. **Revista online do IHU**, Instituto de Humanas Unisinos, 15 julho 2021.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**, Petrópolis, Vozes, 2014.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da libertação, perspectivas**, Petrópolis, Vozes, 1986.

GUTIERREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Vozes, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005[1968].

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979[1967].

LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 19, Nov. 1989.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**, São Paulo, Cortez - Autores Associados, 1991.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**, São Paulo, Brasiliense, 2004.

METZ, Johann Baptist, **Teologia política**, Caxias do Sul, Ed. Universidade de Caxias do Sul, 1976.

METZ, Johann Baptist, **Teologia del Mundo**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1970.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**, São Paulo, Expressão Popular, 2008[1928].

SEMERARO, Giovanni. **A primavera dos anos 60. A geração de Betinho**, Editora Loyola, 1994.

SEMERARO, Giovanni. Gramsci e a religião: uma leitura a partir da América Latina. **Revista O Social em Questão**, Rio de Janeiro, vol.1, n.39, set-dez. 2017. Disponível em:

[https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/osq\\_39\\_art\\_6\\_semeraro.pdf](https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/osq_39_art_6_semeraro.pdf)

Consultado em 2 dec. 2024.

VALLEJO, César. Trilce. *In*: **Obra poética completa**. Lima: Francisco Moncloa Editores, 1968 [1922].